

# O CORPO ATRAVÉS DO ESPELHO: IDEAL DE MAGREZA COMO OPERADOR DA SUBJETIVAÇÃO FEMININA<sup>1</sup>

THE BODY THROUGH THE LOOKING GLASS: THINNESS IDEAL  
AS AN OPERATOR OF FEMININE SUBJECTIVATION

EL CUERPO A TRAVÉS DEL ESPEJO: EL IDEAL DE DELGADEZ  
COMO OPERADOR DE SUBJETIVACIÓN FEMENINA

Carolina Rolim Sartoretto<sup>2</sup>

Carolina Neumann de Barros Falcão<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda o papel do ideal de magreza como um operador da subjetivação feminina. A magreza apresenta-se como uma questão para as mulheres, na medida em que discursos sobre a vigilância para a autoconstrução do corpo tornaram-se cada vez mais imperativos. Esse ideal influencia a produção de subjetividade feminina, estando a magreza relacionada com o valor socialmente atribuído às mulheres, tornando-se fundamental o estudo dessa temática. Apesar disso, considerar os imperativos culturais não descarta a importância da singularidade da constituição psíquica e produção de subjetividade, uma vez que os ideais são constituídos no plano individual a partir do coletivo. Assim, pensa-se a psicanálise como ferramenta de compreensão da cultura, contribuindo com essa discussão questionando a rigidez desses ideais. Nessa perspectiva, é de suma importância aprofundar o debate acerca da concepção de corpo ideal, além da desconstrução da noção de corpo magro como o único possível.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Corpo. Subjetividade. Ideal de magreza.

*Abstract: This article addresses the role of the thinness ideal as an operator of female subjectivation. Thinness presents itself as an issue for women, as discourses on surveillance for the self-construction of the body became increasingly imperative. This ideal influences the production of female subjectivity, being thinness related to the value socially attributed to women, making the study of this theme fundamental. Nevertheless, considering cultural imperatives does*

<sup>1</sup> Artigo originado do Trabalho de Conclusão de Curso de Carolina Rolim Sartoretto, para a cadeira de TCC II do curso de Psicologia vinculado à Escola de Ciências da Saúde e da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Sob orientação de Carolina Neumann de Barros Falcão.

<sup>2</sup> Psicóloga (CRP 07/38407) formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Membro associada e aluna do curso de formação em Psicoterapia Psicanalítica pelo ESIPP – Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica. E-mail: psicologa.carolinasartoretto@gmail.com

<sup>3</sup> Psicóloga, Psicanalista, Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Doutora em Psicologia, professora do Curso de Psicologia da PUCRS. Co-fundadora do Laboratório de Sexualidade, Gênero e Psicanálise, na PUCRS. E-mail: carolina.falcao@puhrs.br

*not dismiss the importance of the singular psychic constitution and production of subjectivity, since ideals are constituted at the individual level from the culture. Thus, psychoanalysis is thought of as a tool for understanding culture, contributing to this discussion by questioning the rigidity of the ideals. In this regard, it is extremely important to deepen the debate about the ideal body conception, in addition to deconstructing the notion of a thin body as the only possible one.*

*Keywords: Psychoanalysis. Body. Subjectivity. Thinness ideal.*

*Resumen: Este artículo aborda el papel del ideal de delgadez como operador de la subjetivación femenina. La delgadez se presenta como un problema para las mujeres, en la medida en que los discursos sobre la vigilancia de la autoconstrucción del cuerpo se han vuelto cada vez más imperativos. Este ideal influye en la producción de la subjetividad femenina, estando la delgadez relacionada con el valor socialmente atribuido a la mujer, haciendo imprescindible el estudio de este tema. A pesar de eso, considerar los imperativos culturales no descarta la importancia de la singularidad de la constitución psíquica y de la producción de subjetividad, ya que los ideales se constituyen a nivel individual a partir de lo colectivo. Así, el psicoanálisis se piensa como una herramienta para comprender la cultura, contribuyendo a esta discusión al cuestionar la rigidez de estos ideales. En esta perspectiva, es de suma importancia profundizar el debate sobre la concepción de cuerpo ideal, además de la deconstrucción de la noción de cuerpo delgado como el único posible.*

*Palabras clave: Psicoanálisis. Cuerpo. Subjetividad. Ideal de delgadez.*

## 1 INTRODUÇÃO

Freud (2011) em seu texto *Psicologia das massas e análise do eu* já trazia o entendimento de que o ser humano é um ser social, na medida em que postula o entendimento de que o psiquismo não se pauta somente pela história individual, mas também pela cultura na qual se desenvolve e estabelece relações com os outros. O sujeito psíquico engloba o psiquismo e a subjetividade, e, apesar de a constituição do psiquismo e a produção de subjetividade estarem relacionadas, salienta-se a importância de diferenciação entre esses conceitos. Bleichmar (2010) postula que a constituição do psiquismo é dada por variáveis cuja permanência transcende certos modelos sociais e históricos, podendo ser cercada por um campo conceitual específico de pertencimento. Por outro lado, a produção de subjetividade inclui os aspectos que compõem a construção social do sujeito, articulando as variáveis sociais que a inscrevem em um determinado tempo e espaço do ponto de vista do contexto histórico e cultural (Bleichmar, 2010, p. 33).

Para a psicanálise, o corpo constitui-se na intersecção entre o psíquico e o somático, ou seja, entre o orgânico, o representacional e um encontro entre os dois, o pulsional. Portanto, o corpo é entendido como erógeno, sendo construído, edificado e produzido pelas experiências vividas e ocorrendo a partir de três registros: marcas traumáticas ou de prazer, mapeamento pulsional e constituição narcísica de uma imagem unificante (Fingermann, 2021). A subjetividade está relacionada com a construção simbólica do corpo. Portanto, além de se

## ARTIGO

fundar na ordem simbólica e no registro da linguagem, o psiquismo inscreve-se num corpo erógeno e pulsional. Nesse sentido, o corpo pode representar um marco central na identificação dos sujeitos (Fernandes, 2011). Além disso, o corpo é colonizado pela linguagem, que é influenciada pela cultura. Sendo assim, o sujeito incorpora a essa construção os padrões sociais e culturais de corpo e beleza. Nesse sentido, a percepção e a satisfação com a autoimagem são moduladas também pela norma do padrão estético como referência. A internalização dos padrões estéticos é, em grande medida, modelada por fatores externos ao próprio sujeito (Fortes, Winograd, & Perelson, 2018; Sousa Silva, Lima, Japur, Gracia-Arnaiz, & Penaforte, 2018).

Para alcançar o ideal de corpo, existe um conjunto de dispositivos que operam em torno dessa representação, como práticas e discursos que associam a beleza e a saúde em torno de uma norma. Isso se trata de um processo de disciplinarização do corpo, sendo este um adestramento corporal, uma conjugação rigorosa dos registros do corpo disciplinar e do corpo espécie, matérias-primas por excelência do poder disciplinar e do biopoder. Dessa forma, a subjetividade é entendida como constituída a partir da alteridade, de maneira que se compreende que as formações psicopatológicas originam-se também da cultura (Birman, 2020; Fontinele & Costa, 2019).

Dessa forma, partindo da psicanálise, o corpo pode ser entendido como espaço de produção de significados a partir da relação que estabelece com o contexto em que está inserido, estando, portanto, para além de seu estatuto biológico. Ele é o registro eminente no qual se enuncia o mal-estar. Nesse sentido, pensa-se no papel das produções culturais, na medida em que conteúdos relacionados ao corpo têm sido cada vez mais evidentes. Essas mídias reforçam o narcisismo e os padrões de beleza vigentes e alguns estudos avaliaram seu impacto sobre a imagem corporal (Birman, 2016; Lira, Ganen, Lodi, & Alvarenga, 2017; Pedral, Martins, & Penaforte, 2020; Silveira, Cruz, & Mélo, 2021).

De acordo com os resultados obtidos pela pesquisa realizada por Baker, Ferszt e Breines (2019), mulheres que se envolvem em comparações relacionadas à aparência no Instagram, por exemplo, podem ser vulneráveis a se sentirem insatisfeitas com sua imagem, tamanho e forma corporal. Pode-se pensar na participação das produções culturais (como filmes, programas de televisão, moda, propaganda, dentre outros), bem como das redes sociais frente às formas contemporâneas de subjetivação, na medida em que carregam um ideal que pode influenciar a construção da noção de si enquanto imagem constantemente atualizável. Esses ideais corporais compõem o imaginário de beleza, de forma que parece haver apenas duas possibilidades: o ideal e o não ideal. Além disso, a exigência de se encaixar nesse padrão recai sobre o indivíduo, desencadeando sofrimento (Alves & Lazzarini, 2020; Silva, Neves, & Japur, 2018).

As mídias sociais e produções culturais exercem um papel importante na construção das representações sociais acerca desse assunto, fomentando modelos e ideais relacionados ao corpo, principalmente para mulheres. Como consequência disso, percebem-se modalidades de sofrimento psíquico atreladas à supervalorização da imagem corporal, salientando-se a necessidade de estudos aprofundados sobre essa temática, dada a atualidade do assunto (Silva et al., 2018; Silveira et al., 2021). Além disso, é possível relacionar as relações com o corpo com dados atuais de cirurgias estéticas. Segundo a pesquisa realizada pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS, 2019) em 2019, o Brasil foi o país que mais realizou cirurgias plásticas no mundo. O número total de procedimentos foi de 2.565.675 intervenções. Dos procedimentos

cirúrgicos, foram realizados 1.493.673, sendo os mais comuns a lipoaspiração (15,5%), aumento dos seios (14,1%), abdominoplastia (10,4%), cirurgia da pálpebra (9,7%) e aumento de nádegas (7,7%). Utilizam-se os dados do ano de 2019 porque este foi o último antes do início da pandemia de *coronavirus disease 2019* (COVID-19). A ISAPS observou mudanças significativas nos procedimentos estéticos durante a pandemia, na medida em que o fechamento de clínicas devido a COVID-19 levou a uma redução de 10,9% nos procedimentos cirúrgicos (ISAPS, 2020).

Dentre os padrões de beleza existentes, neste trabalho enfoca-se o ideal de magreza. Desde os anos 1920, características esbeltas ganharam destaque, principalmente para as mulheres, sendo essa a história de uma magreza idealizada (Sant'Anna, 2014). Nesse sentido, Fortes, Amaral, Almeida e Ferreira (2013) destacam que mulheres podem enaltecer a aparência física direcionada para a magreza. Além disso, na década de 1950, o mercado publicitário investiu no anúncio de clínicas de cirurgia plástica e técnicas de emagrecimento. Nessa época, foi publicado um artigo no periódico *Correio da Manhã* que recomendava às mulheres manter a disciplina a fim de corresponder ao ideal de beleza da época: a silhueta magra (Dyra, 1956 como citado por Neiva, 2021). Esse percurso histórico da beleza traz repercussões até a contemporaneidade, na medida em que se percebe a busca por cirurgias estéticas voltadas para a magreza, bem como relatos de sofrimento psíquico relacionados à busca desse ideal inatingível.

Apoiada nisso, a proposta deste trabalho é articular a relação do ideal de magreza como operador na subjetivação feminina. Para isso, discutem-se as temáticas da produção de subjetividade e sua relação com a cultura; examina-se a influência da cultura no mal-estar; explora-se como as demandas culturais interferem na relação com o corpo; discute-se o ideal do sujeito na contemporaneidade; e explora-se a relação das produções culturais com o ideal de magreza.

## 2 ESTÉTICA E BELEZA AO LONGO DOS ANOS

Freud (2010b) já destacava que a felicidade na vida é buscada sobretudo no gozo da beleza, e apesar disso não oferecer proteção contra a ameaça do sofrer, seu proveito traz prazer, e “ninguém dirá que ela é importante para a vida como o domínio das forças naturais e outros fatores que ainda veremos, mas ninguém a porá em segundo plano, como algo acessório” (Freud, 2010b, p. 36). Ademais, refere que a beleza, juntamente com a limpeza e a ordem, ocupa um espaço privilegiado dentre as exigências culturais.

Sant'Anna (2014) discorre em seu livro *História da beleza no Brasil* sobre a construção do sentido de beleza ao longo das décadas no país. Inicialmente, o uso de maquiagens era entendido como um gesto sujeito à reprovação, na medida em que o rosto “pintado” parecia esconder uma falha do caráter. Em contrapartida, uma publicação de 1924 na revista *Fon-Fon* relatava um “novo tipo de mulher”, que utilizava maquiagens e outros produtos para beleza. Dessa forma, um imaginário foi construindo-se no enunciado de que autoconstrução do corpo exige vigilância constante. Desde a década de 1950, o mercado publicitário investiu no anúncio de clínicas de cirurgia plástica e técnicas de emagrecimento. Nessa época, foi publicado um artigo no periódico *Correio da Manhã* que recomendava às mulheres manter a disciplina a fim de corresponder ao ideal de beleza da época: a silhueta magra (Dyra, 1956 como citado por Neiva, 2021). O *Correio da Manhã* foi fundado pelo advogado gaúcho Edmundo Bittencourt

## ARTIGO

e se consagrou como um dos maiores jornais matutinos do país. Nas páginas femininas circularam, durante anos, ensinamentos e conselhos sobre o ser mulher, com dicas e orientações de como deveriam se comportar e se moldar. Nesse sentido, essa leitura recorrente pode ter contribuído para a educação das leitoras para um determinado tipo de ser e estar no mundo. A partir de então, a beleza começou a ser entendida como algo possível de ser obtido por meio de uma rotina de sacrifícios, de forma que qualquer mulher poderia ser bela, caso se esforçasse. Sendo assim, até hoje a busca pela beleza implica a aquisição de cosméticos e medicamentos, juntamente à disciplina alimentar, atividade física e submissão a cirurgias (Neiva, 2019; Neiva, 2021; Sant'Anna, 2014).

Sant'Anna (2014) salienta a difusão das fotografias como outro fator que acentuou a importância da aparência física. Ao mesmo tempo que a banalização de espelhos fez da contemplação da própria imagem uma necessidade diária, “ver-se no espelho ganhou um aspecto de diagnóstico, pronto para ensaiar mudanças prometidas pela propaganda cosmética e cirurgias plásticas” (Sant'Anna, 2014, p. 20). Medir-se e consultar-se com frequência diante de espelhos passou a ser uma recomendação recorrente nas páginas femininas do periódico *Correio da Manhã* (Neiva, 2021). Posto isso, as mulheres aprendem desde cedo que é preciso ser bela para agradar e, para isso, olham-se no espelho e comparam-se às imagens idealizadas. Se o espelho é um instrumento possível de desdobramento do eu, a imagem refletida deveria ser de magreza, na medida em que a gordura passou a ser considerada repulsiva. A partir dos anos 1920, o que é esbelto e ágil ficou ainda mais evidente, principalmente para as mulheres. Uma série de fatores culminou nesta transformação radical na história do corpo verificada no século XX, sendo essa a história de uma magreza idealizada (Beauvoir, 2009; Neiva, 2021; Sant'Anna, 2014).

Fontinele e Costa (2019) trazem o Instagram como um novo exemplo de dispositivo disciplinar contemporâneo, operando através da disseminação de verdades e normas corporais. O Instagram é uma rede social gratuita com altas taxas de engajamento que funciona através da disseminação de fotos e vídeos on-line entre os seus usuários, possibilitando interações nessas publicações (Fontinele & Costa, 2019). Essa rede social como um novo exemplo de dispositivo vai ao encontro dos resultados encontrados no estudo de Baker et al. (2019), de que mulheres que se envolvem em comparações relacionadas à aparência no Instagram podem ser vulneráveis a se sentirem insatisfeitas com sua imagem, tamanho e forma corporal. Fontinele e Costa (2019) salientam que, durante muitos anos, as publicações das revistas eram um dos principais dispositivos de controle do corpo na sociedade, prescrevendo a concepção de beleza e apontando comportamentos que deveriam ser seguidos a fim de se alcançar o corpo propagado como perfeito. Enquanto isso, na contemporaneidade, as redes sociais e produções culturais – como filmes e programas de televisão – agenciam novas formas de controle dos corpos.

A partir do exposto, pensa-se nas reverberações do percurso histórico da beleza, na medida em que a crescente importância do embelezamento é uma marca profunda do século XX. Neiva (2019) salienta que no periódico *Correio da Manhã*, beleza era entendida como juventude e magreza. A autora destaca que ao longo dos anos, a gordura passou a ser cada vez mais rejeitada ao mesmo tempo que houve a valorização do corpo magro e tonificado. Mesmo que o padrão de corpo feminino tenha apresentado variações, houve, no decorrer do século XX, um triunfo do ideal do corpo magro no país. Apesar da modificação dos padrões estéticos ao longo das décadas, a luta para atingir o ideal de beleza

vigente é algo que marca a relação da mulher com seu corpo em todas as épocas e culturas, de forma a escravizarem seus corpos em nome do ideal de beleza a que aspiram (Fernandes, 2021; Neiva, 2019; Sant'Anna, 2014).

O valor das mulheres enquanto sujeitos aparece definido por sua corporalidade, pois a partir do corpo se articulam questões morais, como felicidade, e questões estéticas, como a elegância (Energici, 2021). Pensando nisso, torna-se necessário explorar a produção da subjetividade, especialmente a das mulheres, diante dos imperativos contemporâneos de beleza, magreza e estética.

### 3 CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E MAL-ESTAR

A constituição psíquica é entendida por Bleichmar (2010) como cercada por um campo conceitual específico de pertencimento, sendo da ordem da diferenciação tópica em sistemas regidos por tipos de representação. Além disso, é dada por variáveis cuja permanência transcende certos modelos culturais, sociais e históricos. Dessa forma, o que é constitutivo do psiquismo dá conta de certos aspectos científicos da psicanálise e que são sustentados com certa transcendência em relação aos diferentes períodos históricos. Ademais, a autora destaca a constituição do psiquismo enquanto uma “batalha” para sustentar os enunciados na atualidade, mas também para alcançar sua ascendência. Um exemplo disso é a segunda tópica proposta por Freud, pois podem sofrer variações culturais, porém, haverá elementos que se mantêm, impondo regulamentações para que os seres humanos possam viver em comum e sustentar-se.

Em contrapartida, a produção de subjetividade articula as variáveis culturais e sociais que a inscrevem em um determinado tempo e espaço do ponto de vista do contexto histórico e cultural, incluindo, dessa forma, os aspectos que compõem a construção social do sujeito (Bleichmar, 2010, p. 33). A partir disso, pode-se pensar a subjetividade enquanto processo de produção a partir do encontro com o outro e da apreensão parcial de elementos do contexto social. É marcada pela encorpação e a incorporação, articulando a dimensão histórica, social e cultural nos eixos constitutivos do sujeito. Além disso, encontra-se permanentemente remodelada em consequência dos processos de transformação contínua da ordem social. Dessa forma, ser sujeito é repensar diversas vezes seu percurso singular. Da mesma forma, em consequência dos processos de transformação da ordem social, ocorrem mudanças no modo de subjetivação, na medida em que este é influenciado pela cultura. Os processos de subjetivação são esses envolvidos na forma de construção da subjetividade (Birman, 2016; Guattari & Rolnik, 1996).

Tomando essa concepção de subjetividade, pensa-se na cultura e seu papel no sujeito, o qual é regulado a partir da longa duração das instituições e seu sistema de regras que oferecem segurança, caracterizando modelos instituídos de subjetividade (Birman, 2016). Isso vai ao encontro do proposto por Freud (2010b) em *O mal-estar na civilização*, em que cita três fontes do sofrer: a força da natureza, a fragilidade do corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. Com relação a esta última, o autor afirma que boa parte da culpa advém da civilização. Ao mesmo tempo, tudo aquilo utilizado como proteção da ameaça das fontes do sofrer é parte dessa cultura. Birman (2020, p. 46) afirma que ao articular o “mal-estar” com a “civilização”, o discurso freudiano provocou então uma dissonância na concepção de civilização, implodindo o sentido original desta. Dessa forma, revela-se no discurso freudiano uma crítica da modernidade e de seus pressu-

## ARTIGO

postos, pelo mal-estar subjetivo que esta seria capaz de ocasionar. Sendo assim, a crítica da modernidade está no fundamento do discurso freudiano e no enunciado do conceito de mal-estar (Birman, 2020, p. 46).

A partir disso, pode-se pensar nas formas contemporâneas de subjetivação e sua relação com o mal-estar. Birman (2016) aponta que na contemporaneidade o que está em pauta é uma leitura da subjetividade em que esta assume uma configuração estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica na economia psíquica. Por conseguinte, as culturas do narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo são silenciadas.

Dessa forma, Birman (2020) postula que os laços sociais restringem-se ao campo da imagem, reduzindo a cena social à retórica do narcisismo. A produção e a exaltação desenfreada das imagens de si, para o deleite do outro, num campo influenciado pela sedução, passa a ser o principal na estética performática do espetáculo. Essa transformação fundamental pressupõe uma mudança nas formas de mal-estar presentes na contemporaneidade. A partir disso, o autor afirma que o mal-estar contemporâneo se inscreve positivamente em três registros psíquicos: o do corpo, o da ação e o da intensidade (Birman, 2020, p. 51). Toma-se, aqui, o corpo como objeto de estudo de um dos registros do mal-estar.

O corpo é o registro antropológico mais eminente no qual se enuncia na atualidade o mal-estar (Birman, 2020, p. 55). Bocchi (2021) afirma que a discussão sobre os ideais contemporâneos de corpo e o vínculo com a produção do sofrimento psíquico já se encontra presente na literatura psicanalítica como uma resposta dos sujeitos ao mal-estar na cultura. Isso vai ao encontro do proposto por Fernandes (2011), salientando que em termos de publicações psicanalíticas houve um crescimento de estudos abordando as problemáticas corporais, assim como se percebe na clínica um aumento de demandas que passam por essas questões.

Birman (2020) propõe que existe um sentimento de culpa constante e uma posição de dívida em relação à performance corporal, dado que esta encontra-se sempre aquém do desejado. O corpo pode demandar e ser demandado – pelo outro, pela cultura, por si mesmo –, ao mesmo tempo que é passível de exprimir formas de sofrimento não apenas individuais. Partindo desse entendimento de corpo que é construído a partir das experiências e compreendido enquanto pulsional e colonizado pela linguagem, uma leitura psicanalítica do corpo deve considerá-lo como sexuado, social e relacional (Bocchi, 2021; Fernandes, 2021). Sendo assim, existe uma intersecção entre a economia libidinal e as estruturas sociais, de forma que estas últimas estão representadas nos discursos sobre a saúde, a alimentação e o corpo funcional. Dessa forma, percebe-se o corpo enquanto um espetáculo na contemporaneidade, um espaço de investimento da economia de mercado e um objeto de consumo devido à importância que as representações assumiram na sociedade do espetáculo (Bocchi, 2021; Fernandes, 2021; Fontinele & Costa, 2019).

Nesse sentido, percebe-se que, para as mulheres, o sentimento de dívida em relação à performance do corpo ocorre de maneira mais intensa. Em sua dissertação de mestrado, Nunes (2008) refere a angústia de alunas entre oito e nove anos de idade relacionada à sua aparência física, evidenciando que, mesmo na infância, a expressão de intensas inquietações sobre o corpo é

recorrente. Dessa forma, as mulheres são atravessadas pela busca incessante da beleza, buscando enquadrar-se nos padrões determinados.

Os resultados do estudo realizado por Fortes et al. (2013) corroboram esses pressupostos existentes na literatura, destacando que meninas adolescentes sentem-se pressionadas a alterar a forma corporal direcionada para a magreza, de forma que a internalização desse ideal é apontada como o principal fator de risco para alteração em construtos da imagem corporal. Outro fato evidenciado pelos resultados desse estudo foi que a exposição de corpos magros pela mídia é mais exacerbada em países ocidentais quando comparados aos orientais, o que pode repercutir negativamente na internalização do ideal de magreza com ligeira consequência na insatisfação com a imagem corporal.

A partir disso, pensa-se sobre as particularidades da subjetivação feminina, bem como a relação desta com o ideal de magreza enquanto operador. No presente artigo, parte-se do entendimento de gênero enquanto um produto de diversos saberes que se constituem a partir dos efeitos de poder advindos da linguagem, da cultura e do imaginário (Fontinele & Costa, 2019). Posto isso, desde o período gestacional, os corpos são investidos afetivamente pelos cuidadores e a nomeação de bebês de feminino ou masculino vem carregada de regulações e expectativas (Rodrigues, 2020). Além disso, essas regulações aparecem nas produções culturais, mídia e redes sociais, tendo impacto desde a infância, como evidenciado no estudo de Nunes (2008). Dentre essas, salienta-se aqui o ideal de magreza enquanto um operador estético nos processos de subjetivação. Na dissertação de mestrado de Nunes (2008) referida anteriormente, a autora aborda a angústia de alunas relacionadas à sua aparência física. Essas crianças encontravam-se no terceiro ano do ensino fundamental de uma escola de Porto Alegre, tendo apenas oito ou nove anos de idade. A expressão do desejo de realizar dietas e de usar roupas que valorizam determinadas partes do corpo foi recorrente. Tudo isso em um universo infantil onde a aparência física magra é almejada (Nunes, 2008). Esse estudo evidencia que as repercussões do ideal de magreza como um operador na subjetivação feminina já se fazem ouvir desde a infância. Fontinele e Costa (2019) destacam que essa normatização do corpo feminino é incentivada pelos enunciados que circulam nas redes sociais, os quais operam de forma muito similar às revistas especializadas em temas voltados ao público “feminino” como descrito por Sant’Anna (2014) e Neiva (2021).

Dessa forma, pode-se pensar na manifestação disso na atualidade através da busca por cirurgias estéticas, que se colocam em nossa cultura como um bem a ser consumido, no sentido de construir uma imagem corporal (Jucá & Vorcaro, 2018). Como trazido anteriormente, em 2019, último ano antes do início da pandemia de *coronavirus disease 2019* (COVID-19), o Brasil foi o país que mais realizou cirurgias plásticas no mundo (ISAPS, 2019). A lipoaspiração e a abdominoplastia encontram-se diretamente relacionadas com a busca pela magreza e aparecem como o primeiro e o terceiro tipos de procedimento cirúrgico mais comuns, respectivamente. Segundo a revisão de literatura realizada por Coelho, Carvalho, Paes e Ferreira (2017), a insatisfação corporal é apontada como um dos principais motivos para a busca de cirurgias plásticas estéticas. Se em demasia, pode se tornar um distúrbio de imagem e a realização do procedimento estético não é capaz de diminuir os níveis de insatisfação corporal desses sujeitos. Fernandes (2021) ressalta que essa preocupação com a magreza e aparência corporal revela-se como uma espécie de tirania: imperfeições e defeitos, às vezes mínimos, são experienciados como catástrofes. Dessa forma,

## ARTIGO

muitas vezes o que se encontra ameaçado é o sentimento de identidade e de integridade corporal.

Sendo assim, reflete-se sobre como a exposição excessiva a corpos cada vez mais magros leva à interiorização desse padrão e à contaminação do que se entende por um corpo belo. Ao mesmo tempo que as intervenções estéticas se mostram como um meio de acesso ao ideal de beleza, por outro lado, revelam-se como uma via de entrada para várias inquietações psíquicas. Alvo do ideal de completude, o corpo parece servir de forma privilegiada – por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita – como estandarte de uma época marcada pelos ideais. Ademais, o corpo tornou-se uma estampa, de tal modo que a busca desesperada pela imagem ideal levou ao empobrecimento das formas de expressão corporal e dos próprios conceitos do que seria belo, saudável e normal (Fernandes, 2011; Fortes et al., 2018; Silva & Rey, 2011; Sousa Silva et al., 2018). Fortes et al. (2018) destacam que, apesar de muito recentemente existirem tentativas de valorizar corpos diversos, o respeito e a valorização dessa multiplicidade ainda são reduzidos.

Portanto, os imperativos estéticos podem gerar uma insatisfação crônica com a imagem corporal, a qual ocorre em função da obrigatoriedade do investimento na beleza. As repercussões disso fazem-se ouvir na clínica psicanalítica da atualidade através das toxicomanias, transtornos alimentares, padecimentos psicossomáticos e também pela busca do corpo ideal, o qual toma-se como objeto de estudo neste trabalho. O corpo aparece como estandarte de um ideal de perfeição que se busca insistentemente alcançar, sendo frequentemente apontado como fonte de sofrimento, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo. Tendo em vista que a felicidade está relacionada a corresponder aos padrões estéticos, não satisfazer aos ideais sinalizados pela cultura coloca as mulheres em uma condição de sofrimento psíquico. Por conseguinte, o corpo constitui-se como fonte de sofrimento, frustração, insatisfação e impedimento à potência fálico-narcísica (Fernandes, 2011; Silva & Rey, 2011). Nesse sentido, fica evidente que os imperativos estéticos ocupam esse lugar dos ideais, de forma que, para compreender a importância desses ideais, torna-se necessário resgatar conceitos freudianos.

#### 4 IDEAIS E SUAS REPERCUSSÕES

No texto *Introdução ao narcisismo*, Freud (2010a) refere a formação de um ideal dentro de si, ao qual se dirige o amor a si mesmo, que o eu real desfrutou na infância, de forma que o narcisismo aparece deslocado para esse novo eu ideal. Não sendo possível manter essa perfeição narcísica da infância, o eu procura readquiri-la na forma nova do ideal do eu. Dessa forma, projeta diante de si “o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 2010a, p. 40). Na crise edípica aparece um terceiro e, portanto, a criança começa a descobrir que ela não contém todo o valorizado. Para recompor-se narcisicamente, é necessário identificar-se com o idealizado, que não é igual ao eu, sendo esta a via da identificação com o idealizado que não é parte dela, ou seja, o caminho identificatório (Hornstein, 1989). Destaca-se que a formação desse ideal aumenta as exigências do eu. Sendo assim, o desenvolvimento do eu consiste em um distanciamento do narcisismo primário, ocasionando um intenso esforço para reconquistá-lo. Isso ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do eu originado do externo e a satisfação advém do cumprimento desse ideal.

Hornstein (1989) destaca que através de um processo identificatório, dá-se a aquisição de aspectos valorizados pelo discurso e pelo desejo, de forma que esse processo, para Freud, nunca é independente de um campo de desejos. Pela castração, a criança constituirá um ideal de eu com o qual tentará recuperar a perfeição narcísica primordial às custas de enunciados identificatórios que procuram diminuir a distância do eu com o ideal (Hornstein, 1989). Dessa forma, o conceito de ideal de eu permite situar o que vai ser recalcado em cada sujeito e o ideal aparece, dessa forma, enquanto organizador do recalque como condição para a sublimação. Sendo assim, os ideais aparecem enquanto organizadores do psiquismo.

A partir disso, pode-se pensar em outro postulado freudiano, trabalhado em *O mal-estar na civilização*. Nesse texto, Freud (2010b) propõe o conceito de consciência de culpa, entendida como a tensão entre o superego e o eu, manifesta como necessidade de punição. A civilização controla o prazer que o indivíduo possui ao agredir, pois é vigiado por uma instância no interior. Sendo assim, destaca duas origens para o sentimento de culpa: o medo da autoridade e, depois, o medo ante o superego. Por fim, refere que o que teve início no mundo interno se completa na cultura, pois se esse é o curso de desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está ligado a ela. A consciência de culpa apresenta-se, então, enquanto medo da perda do amor, medo “social”; um superego social enquanto regulador dos seres humanos, na medida em que o superego da cultura, como o do indivíduo, “institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante ‘angústia de consciência’” (Freud, 2010b, p. 117). Dessa forma, para considerar o superego cultural, torna-se essencial pensar a perspectiva da subjetividade de um período histórico. Mosquera (2021) destaca que o superego não é apenas uma instância psíquica, mas também produto do momento histórico. O autor refere que o superego cultural está situado na ordem da temporalidade histórica, estando sujeito a modificações pelas quais rompe os imperativos e as modalidades de gozo (Mosquera, 2021). Sendo assim, através do estudo do ideal do eu, pode-se entender a psicologia das massas. Além da questão individual há o social, sendo o ideal comum de uma sociedade. O não cumprimento desse ideal gera um sentimento de culpa, denominado angústia social (Freud, 2010a).

Freud (2010b) situa o sentimento de culpa como o maior problema da evolução cultural, de maneira que o preço desse progresso é a perda de felicidade, pelo acréscimo desse sentimento de culpa. Nesse sentido, cada um se adequa aos parâmetros culturais, pois precisa-se de uma cultura para se existir enquanto sujeito. Para isso, precisa haver a renúncia à felicidade mencionada anteriormente. Refere, ainda, que a angústia está por trás de todo sintoma, sendo difícil reconhecê-la. Ademais, postula que por esse motivo pode-se conceber que também a consciência de culpa produzida pela cultura não seja reconhecida como tal, permanecendo inconsciente ou sendo interpretada como um mal-estar, uma insatisfação, para a qual se buscam outras motivações (Freud, 2010b). Esses fatores influenciam a produção de subjetividade, de forma que a cultura produz sujeito, e sujeito produz cultura.

Como já mencionado anteriormente, certos ideais dessa cultura binária aparecem mais vinculados a aspectos masculinos e outros a questões associadas à feminilidade. A instituição do registro dos ideais das mulheres está diretamente relacionada com o ideal de beleza, na medida em que este está amplamente difundido na cultura. Nessa perspectiva, a identidade das mulheres apresenta-se como equivalente à harmonia da tríade beleza-saúde-juventude.

## ARTIGO

Posto que o ideal almejado encontra-se na ordem do inatingível, origina-se um ciclo de insatisfação e frustração. Percebe-se o desenvolvimento de alterações na percepção que temos em relação aos próprios corpos e aos corpos alheios frente à exposição excessiva a corpos cada vez mais magros (Silva & Rey, 2011; Sousa Silva et al., 2018). Nesse sentido, Silva e Rey (2011) destacam que essas questões propagadas na cultura influenciam diretamente a subjetivação das mulheres, bem como o imaginário cultural acerca do que é entendido como corpo belo. A partir disso, reflete-se sobre que destinos são possíveis frente a essas exigências.

A anorexia seria uma resposta subjetiva patológica possível, por meio da qual incide um superego que deixou marcas particulares na constituição da imagem corporal (Abínzano & Fernández, 2019). Na teoria lacaniana, a imagem é estruturada pela linguagem, na medida em que o processo de delimitar a constituição da imagem de um sujeito se faz principalmente na relação com o Outro da linguagem. Em *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1986) também introduziu a noção de superego como um imperativo e como “uma lei desprovida de sentido, mas que, entretanto, só se sustenta da linguagem” (Lacan, 1986, p. 11). Nesse sentido, os imperativos culturais incidem sobre o superego cultural, de forma que esse impõe os ideais para o sujeito, o que vai ao encontro do referenciado por Safatle (2021), de que imagens podem regular o desenvolvimento dos indivíduos. Dessa forma, articulam-se cultura, linguagem, superego e constituição da imagem corporal, a fim de entender um desdobramento, um destino possível da incidência do ideal de magreza como operador da subjetivação.

Outro exemplo na linha da patologia é a busca desenfreada e incessante por cirurgias plásticas e procedimentos estéticos, referida no tópico 3, “Constituição do psiquismo, produção de subjetividade e mal-estar”. Como referido anteriormente, no Brasil, a lipoaspiração e a abdominoplastia aparecem como o primeiro e o terceiro tipos de procedimento cirúrgico mais comuns, respectivamente (ISAPS, 2019). Ambos os procedimentos encontram-se diretamente relacionados com a busca pela magreza. Freitas (2019) refere que houve momentos em que a plástica significou corrigir imperfeições, mas que por outro lado há momentos, como o atual, em que a plástica significa a busca da felicidade através do “corpo ideal”. Nesse sentido, a autora reflete sobre como o excesso de cirurgias produz outras deformidades no corpo, evidenciando o mal-estar do sujeito inscrito no corpo. Sendo assim, o caminho para mudar algo no próprio corpo está mais viabilizado, existindo a possibilidade de “corrigir” características que fogem ao padrão instituído pela norma. As figuras que funcionam como modelos do padrão de beleza somadas à irrealidade dos padrões, bem como o alcance massivo desses conteúdos na cultura, impulsionam a busca por cirurgias, de forma a ocorrer uma homogeneização dos sujeitos (Domingues & Morgenstern, 2020). A busca pelo corpo que esteja situado dentro dos padrões de beleza, e para além, dentro do ideal de magreza, pode ocasionar insatisfação corporal, o que pode influenciar a busca por procedimentos estéticos, os quais podem culminar em prejuízos à saúde dos indivíduos, dentre os quais destacam-se aqui os psicossociais (Almeida & Gomes, 2021). Nesse sentido, a busca por cirurgias plásticas pode, em alguns casos, estar a serviço de uma não simbolização do sofrimento psíquico, situando-a na linha da passagem ao ato.

Pode-se pensar, também, a partir do destino da sublimação. Hornstein (1989) refere que a partir do texto *Introdução ao narcisismo*, entende-se que a sublimação está relacionada à realização de atividades que tenham valor para

o sujeito de acordo com seus ideais. Dessa forma, o autor destaca que é possível deparar-se com algo que possui valor socialmente, mas para um sujeito em particular não, em que operam os enunciados identificatórios. Nesse sentido, há uma tentativa de Freud de diferenciar o campo da sublimação do da idealização e da construção de um ideal (Hornstein, 1989). Outro ponto importante destacado pelo autor é que a sublimação é exigida tomando como ponto de partida o ideal, mas realizada pelo eu em função da multiplicidade identificatória: à medida que o eu vai se construindo, incorpora qualidades e traços dos objetos, e é isso que vai permitir que, ante as exigências do ideal, esse eu tenha recursos diversificados (Hornstein, 1989).

Sendo assim, para ser sublimatório é necessário que faça sentido e tenha valor para o sujeito. Nessa perspectiva, Lacan (1986) situa uma relação do ideal com a sublimação, pois esta última é um processo da libido objetal. A idealização, por outro lado, concerne ao objeto que é aumentado, e é possível tanto no domínio da libido do eu quanto no da libido objetal. Em *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1986) destaca que a idealização encontra-se no plano do imaginário, enquanto a sublimação está no plano simbólico, na medida em que a exigência do eu ideal toma seu lugar no conjunto das exigências da lei. Além disso, a idealização do eu pode coexistir com uma sublimação, sendo que a formação do ideal do eu aumenta as exigências do eu e favorece ao máximo o recalque. Nesse sentido, a sublimação oferece a forma para satisfazer essa exigência sem arrastar consigo o recalque, destacando que, nesse sentido, “trata-se de uma sublimação bem-sucedida” (Lacan, 1986, p. 157).

Nessa perspectiva, pode-se pensar: O que significa sublimação quando se trata do ideal de magreza? Tomando como ponto de partida a sublimação realizada pelo eu em função da multiplicidade identificatória, entende-se que a oportunidade de construção a partir de um ideal da possibilidade de um cuidado de si, bem como de prazer consigo mesma, situa-se na linha da sublimação. A possibilidade de realizar exercícios físicos prazerosos como uma forma de busca pela saúde, bem como uma forma positiva de relacionar-se com o próprio corpo, tomando-o como fonte de prazer, também pode ser compreendida como sublimação. Para isso, é necessário um ego com recursos para lidar com a demanda externa, e não se submeter a ela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, visou-se a articular a relação do ideal de magreza enquanto operador na subjetivação feminina. Para tanto, tornou-se necessário discutir as temáticas da produção de subjetividade, bem como sua relação com a cultura, além de examinar a influência da cultura no mal-estar; explorar como as demandas culturais interferem na relação com o corpo; discutir o ideal do sujeito na contemporaneidade; e, por fim, explorar a relação das produções culturais com o ideal de magreza. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa da literatura acerca desse assunto.

Nesse sentido, encontrou-se que a beleza apresenta-se como uma questão para as mulheres, na medida em que discursos sobre a vigilância necessária para a autoconstrução do corpo foram se tornando cada vez mais imperativos. Essas imposições apareciam inicialmente em periódicos e revistas, como o *Correio da Manhã*, que recomendava às mulheres manter a disciplina a fim de ficarem magras. Dentre os padrões de beleza existentes, o

## ARTIGO

ideal de magreza apresentou-se como foco de estudo neste trabalho. Tendo isso em vista, reflete-se sobre como esse ideal influencia a produção de subjetividade, compreendida enquanto processo de produção a partir do encontro com o outro e da apreensão parcial de elementos do contexto social. No caso da subjetividade feminina, a magreza aparece intimamente relacionada com o valor socialmente atribuído às mulheres, sendo amplamente veiculado pela mídia.

Nessa linha, é necessária a existência de um ideal passível de ser alcançado, bem como um ego capaz de lidar com essa demanda e transformá-la também. Tomam-se como ponto de partida ideais impossíveis de serem alcançados. Por mais que o ego tenha recursos, ele fica aquém desse ideal, não sendo, então, sublimatório. A existência de ideais que se tornam destrutivos produz sofrimento, na medida em que são inatingíveis e o sujeito não encontra formas de lidar com isso, gerando um ciclo de dívida para com a cultura. Isso denota a severidade desses ideais. Entende-se que há algo que não é passível de generalização, na medida em que é singular, mas a força e a severidade desses ideais devem ser questionadas e repensadas. Sendo assim, destaca-se que é fundamental olhar para esses ideais construídos e reforçados pela cultura, porém, existe uma parte que é singular, na medida em que a magreza aparece como uma questão para todos, mas nem todos adoece em função disso.

A partir disso, reflete-se que o enlace com a cultura não ocorre apenas no plano coletivo, mas também no individual. Entende-se que existe um superego individual e outro que opera no nível cultural, bem como um ideal interno e outro sustentado pela cultura. O superego aparece, então, enquanto veículo para os ideais, bem como representante dessa cultura no interior do sujeito, produzindo leituras do que é aceito pela sociedade ou não. Sendo assim, o superego é produto e representante da cultura, a qual funciona como o superego.

Por conseguinte, entende-se que existe uma dupla via de atuação dos ideais: a via coletiva, pela cultura, e a via singular de cada um. No plano coletivo, destaca-se a importância de políticas que questionem a severidade desses padrões, bem como a implantação de ações que visem à divulgação de corpos diversos. A psicanálise enquanto ferramenta de compreensão do plano social e da cultura pode ser uma aliada nesse sentido, ao apontar o mal-estar coletivo e poder servir de lente para a realização de atuações. No plano individual, pensa-se a necessidade de que o sujeito possa questionar esses ideais, encontrando outras vias possíveis de relação com o próprio corpo. Nesse sentido, a psicanálise enquanto atuação clínica pode ser uma via muito potente de atuação que visa a compreender o sujeito e sua relação singular com seu corpo e com a cultura.

Nessa perspectiva, concorda-se com Sousa Silva et al. (2018) sobre a suma importância de aprofundar o debate acerca da concepção de corpo ideal, além da desconstrução da noção de corpo belo como o único possível e visto como belo. Sendo assim, torna-se fundamental olhar para esses ideais construídos e reforçados pela cultura, não descartando a importância da singularidade da constituição psíquica e produção de subjetividade, uma vez que os ideais são constituídos no plano individual a partir do coletivo. A partir disso, indica-se a realização de estudos futuros acerca desse assunto, dada a atualidade e a relevância social do tema.

## REFERÊNCIAS

- Abínzano, R., & Fernández, L. P. (2019). El cuerpo y sus vicisitudes en la anorexia mental: Entre el odio y el superyó. *Desde el Jardín de Freud: Revista de Psicoanálisis*, 19, 117-130.
- Almeida, J. B. de, & Gomes, A. E. F. (2021). Associação entre a insatisfação corporal e sua relação com o crescimento de cirurgias plásticas estéticas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(12), 1320-1336.
- Alves, W. S., & Lazzarini, E. R. (2020). Uma análise do eu em tempos de virtualidade e isolamento: Reflexões psicanalíticas. *Jornal de Psicanálise*, 53(98), 123-139.
- Baker, N., Ferszt, G., & Breines, J. G. (2019). A qualitative study exploring female college students' Instagram use and body image. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(4), 277-282.
- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo* (Vol. II, 2. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Birman, J. (2016). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2020). *O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento na atualidade* (3 ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bleichmar, S. (2010). Producción de subjetividad y constitución del psiquismo. In S. Bleichmar, *El desmantelamiento de la subjetividad. Estallido del Yo* (pp. 33-50). Buenos Aires: Topía Editorial.
- Bocchi, J. C. (2021). Corpo, subjetividade e o discurso da saúde: Ensaio para profissionais de campo. *Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana*, 5(1), 80-92. Recuperado de <https://doi.org/10.29181/2594-6463-2021-v5-n1-p80-92>
- Coelho, F. D., Carvalho, P. H. B. D., Paes, S. T., & Ferreira, M. E. C. (2017). Cirurgia plástica estética e (in)satisfação corporal: Uma visão atual. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, 32(1), 135-140.
- Domingues, M. B. B., & Morgenstern, A. (2020). Afinal, onde está o falo? Os caminhos traçados por sua eterna busca. *Jornal de Psicanálise*, 53(99), 201-216.
- Energici, M. A. (2021). Siluetas femeninas en medios de comunicación: Estéticas para la subjetivación. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, 64(4), 1-41.
- Fernandes, M. H. (2011). *Corpo* (4. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, M. H. (2021). O corpo da mulher e os imperativos da maternidade. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli, *Corpo* (pp. 79-94). Belo Horizonte: Autêntica.
- Fingermann, D. T. (2021). O que é um corpo? Como responde a psicanálise? In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli, *Corpo* (pp. 25-38). Belo Horizonte: Autêntica.
- Fontinele, T. P., & Costa, M. J. de A (2019). A normatização do corpo feminino e os modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, 20(1), 12-03.
- Fortes, I., Winograd, M., & Perelson, S. (2018). Algumas reflexões sobre o corpo no cenário psicanalítico atual. *Psicologia USP*, 29, 277-284.
- Fortes, L. de S., Amaral, A. C. S., Almeida, S. de S., & Ferreira, M. E. C. (2013). Internalização do ideal de magreza e insatisfação com a imagem corporal em meninas adolescentes. *Psico*, 44(3), 432-438. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12301>
- Freitas, D. R. (2019). Discurso, corpo e sujeito: A imagem (im)perfeita e a busca (in)cansável (Dissertação de Mestrado – Ciências da Linguagem). Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais. Recuperado de <http://pos.univas.edu.br/ppgcl/docs/2019/dissertacoes/DARLENE%20RODRIGUES%20DE%20FREITAS.pdf>

## ARTIGO

- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas. Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2010b). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas. Vol. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas. Vol. 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (pp. 9-100). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921).
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (4. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Hornstein, L. (1989). Ideal do eu, eu ideal, sublimação. In L. Hornstein, *Introdução à psicanálise* (pp. 171-184). São Paulo: Escuta.
- ISAPS (2019). *ISAPS Global Survey Results 2019*. United States. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. Recuperado de <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/Global-Survey-2019.pdf>
- ISAPS (2020). *ISAPS Global Survey Results 2020*. United States. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. Recuperado de [https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2022/01/ISAPS-Global-Survey\\_2020.pdf](https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2022/01/ISAPS-Global-Survey_2020.pdf)
- Jucá, V. S., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. *Psicologia USP*, 29(2), 246-252.
- Lacan, J. (1986). *O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1953).
- Lira, A. G., Ganen, A. D. P., Lodi, A. S., & Alvarenga, M. D. S. (2017). Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 66, 164-171.
- Mosquera, O. (2021). Algunos aspectos del superyó productivo y la subjetividad de la época. *Dorsal: Revista de Estudios Foucaultianos*, 10, 93-115.
- Neiva, R. M. de O. (2019). Juventude e magreza: A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974). *Caderno Espaço Feminino*, 32(1), 4-16. Recuperado de <https://doi.org/10.14393/CEF-v32n1-2019-1>
- Neiva, R. M. de O. (2021). *Pedagogias da beleza: As páginas femininas do Correio da Manhã*. Uberlândia: Edufu.
- Nunes, L. (2008). *"Meninas são doces e calmas": Um estudo sobre a produção de gênero através da cultura visual* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Pedral, V. A., Martins, P. C., & Penaforte, F. R. O. (2020). "Eu que lute nessa quarentena pra ficar com corpo desse": Discursos sobre corpo e alimentação nas redes sociais em tempos de isolamento social. *The Journal of the Food and Culture of the Americas*, 2(2), 69-88.
- Rodrigues, A. C. (2020). Psicanálise, despatologização e subjetivação. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 36(1/2), 181-200.
- Safatle, V. (2021). *Introdução a Jacques Lacan* (4. ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Sant'Anna, D. B. (2014). *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Silva, A. F. S., Neves, L. S., Japur, C. C., Penaforte, T. R., & Penaforte, F. R. O. (2018). Construção imagético-discursiva da beleza corporal em mídias sociais: Repercussões na percepção sobre o corpo e o comer dos seguidores. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 13(2), 395-411.

Silva, H. C. D., & Rey, S. (2011). A beleza e a feminilidade: Um olhar psicanalítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31, 554-567.

Silveira, E. B. C., Cruz, S. V. O., & Mélo, R. S. (2021). Miragens do Eu: Angústia, desejo e produção estética do corpo feminino ideal. *Tempo Psicanalítico*, 53(1), 249-278.

Sousa Silva, A. F., Lima, T. F., Japur, C. C., Gracia-Arnaiz, M., & Penaforte, F. R. O. (2018). "A magreza como normal, o normal como gordo": Reflexões sobre corpo e padrões de beleza contemporâneos. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 6(4), 808-813.